

As caixas de Luiz Henrique Schwanke, distâncias da presença, proximidades do mistério.

Rosângela Miranda Cherem¹, Clara Silveira², Sandra Makowiecky³, Ana Carla de Brito,
Andreza Karine Gomes, Lúcia Bahia⁴

Palavras-chave: Luiz Henrique Schwanke, arte contemporânea

Esta pesquisa aborda os objetos que o artista Luiz Henrique Schwanke ([Joinville, 1951- Florianópolis, 1992](#)) produziu sob a forma de caixas, problematizando a realidade contínua do espaço e interrogando a relação entre interior e exterior, superfície e profundidade por meio de um recurso que remete tanto a um pequeno palco, como a uma jaula ou gaiola. Nem quadro tridimensional, nem escultura que se aproxima da biplanaridade, esta série preserva certas afinidades com a dramaturgia secreta de Joseph Cornell, os objetos horizontais de Giacometti e os retângulos de Tony Smith. Embora tenham sido feitos para serem vistos em relação de frontalidade e bem próximos do espectador, nestes objetos persiste uma potência que remete à obra *Cubo de Luz* (Bienal de São Paulo, 1991), onde uma espécie de cova dirige-se ao céu por meio de um feixe de luz que irrompe pelos limites de uma realidade-cubo. Ou seja, em cada um destes trabalhos, resolvidos através de diferentes faturas, incidem as imagens do mistério de uma presença que só pode ser alcançada na forma de rastro.

¹ Orientadora, Professora do Departamento de Artes Visuais- CEART- UDESC, rosangela.cherem@udesc.br

² Acadêmica do Curso de Bacharelado em Artes Visuais, CEART, UDESC, bolsista de iniciação científica PIVIC/UDESC.

³ Professora Participante do Departamento de Artes Visuais, DAV, CEART, UDESC

⁴ Acadêmicas do Curso de Bacharelado em Artes Visuais, CEART, UDESC, bolsistas de iniciação científica PIBIC/UDESC.